



GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO *LATO SENSU*
**FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
INTERDISCIPLINARES**

HELENA ARAÚJO HOLANDA

**PRÁTICAS DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL DA EJA NA
ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL SIMEÃO LEAL –
ITAPORANGA/ PB: UM ESTUDO DE CASO**

ITAPORANGA – PB

2014

HELENA ARAÚJO HOLANDA

**PRÁTICAS DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL DA EJA NA
ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO FUNDAMENTAL SIMEÃO LEAL –
ITAPORANGA/ PB: UM ESTUDO DE CASO**

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Especialização *LATO SENSU* em FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES.

Orientador: Prof. Alberto Edvanildo S. Coura

ITAPORANGA – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

H722p Holanda, Helena Araújo
Práticas de Leitura e Produção Textual da EJA na Escola
Estadual de Ensino Fundamental Simeão Leal Itaporanga/ PB:
Um Estudo de Caso [manuscrito] : / Helena Araújo Holanda. -
2014.
30 p.

Digitado.
Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da
Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à
Distância, 2014.
"Orientação: Prof. Ma. Alberto Edvanildo Sobreira Coura,
Departamento de Educação".

1. Leitura. 3. Produção Textual. 4. EJA. I. Título.
21. ed. CDD 372.4

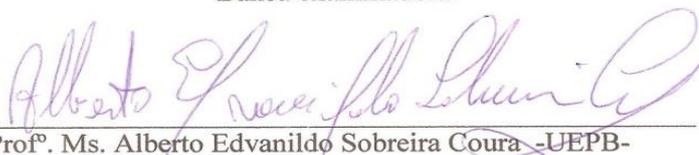
HELENA ARAÚJO HOLANDA

**PRÁTICAS DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO
DA EJA NA ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO
FUNDAMENTAL SIMEÃO LEAL - ITAPORANGA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba em parceria com a Secretaria de Estado da Educação da Paraíba, como um dos pré-requisitos para obtenção de grau de *especialista* em Educação.

Aprovado em 17 / Maio / 2014

Banca examinadora



Prof. Ms. Alberto Edvanildo Sobreira Coura -UEPB-



Prof. Dr. Alex da Silva-UEPB-



Prof. Dr. Marcos Antônio Barros UEPB

Dedico este trabalho de conclusão de Especialização ao meu orientador professor Alberto Edvanildo S. Coura por incentivar e contribuir para a realização deste trabalho. Ao meu esposo Albenor, meus filhos Alcilene e Alemberg, aos meus netos Filipe e Guilherme que souberam tolerar e entender os momentos em que precisei me ausentar. Esta foi mais uma conquista que será com certeza bastante necessária em minha vida profissional.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, pela vida sã de que me dotou, pela capacidade de saber aproveitar as oportunidades surgidas em crescer, superar as dificuldades e conquistar mais uma vitória. Obrigada Senhor!

Ao meu esposo Albenor, que pacientemente soube tolerar e entender os momentos de desenvolver as atividades, dando-me total apoio.

Aos meus filhos, Alcilene e Aemberg, que compartilharam comigo cada momento com compreensão, amor e paciência.

Aos meus netos Filipe e Guilherme que sempre estiveram do meu lado com amor e carinho.

Ao meu orientador Alberto Coura por ter me acolhido como orientanda, acreditando na minha capacidade de desenvolver um bom trabalho e por ter dado suporte para que eu chegasse a concluir esse trabalho.

Aos professores do curso que fizeram tornar possível a realização e a conquista desse trabalho.

Aos funcionários João Neto, Elisa e Solange que trabalharam em todo o percurso do curso, dando-nos o apoio necessário a cada momento de maneira incansável.

A ação docente é a base de uma boa formação escolar e contribui para a construção de uma sociedade pensante. Entretanto, para que isso seja possível, o docente precisa assumir seu verdadeiro compromisso e encarar o caminho do aprender a ensinar. Evidentemente, ensinar é uma responsabilidade que precisa ser trabalhada e desenvolvida. Um educador precisa sempre, a cada dia, renovar sua forma pedagógica para, da melhor maneira, atender a seus alunos, pois é por meio do comprometimento e da “paixão” pela profissão e pela educação que o educador pode, verdadeiramente, assumir o seu papel e se interessar em realmente aprender a ensinar. (FREIRE, 1979)

RESUMO

O presente trabalho que tem como tema: Práticas de leitura e produção textual da EJA na escola estadual de Ensino Fundamental Simeão Leal – Itaporanga/ PB: Um estudo de caso, traz uma reflexão partindo da observação e discussão de como são desenvolvidas as atividades de leitura e produção de texto na sala de aula da 7ª série EJA na Escola Estadual de Ensino Fundamental Simeão Leal, como também a relação professor/aluno e a forma como essa se dá. Nessa perspectiva de ensino aprendizagem traz como respaldo Paulo Freire e os PCN, visando através destes, procurar uma melhor formação para os professores no intuito de prepará-los para que, de forma efetiva, inovadora e transformadora ir ao encontro das necessidades e dificuldades do aluno para ajudá-los a superarem as suas dificuldades, preparando-os para que no mundo letrado, eles possam desenvolver e desempenhar melhor suas habilidades profissionais.

Palavras-chave: EJA. Leitura. Produção Textual. Ensino Aprendizagem.

ABSTRACT

The present work has as its theme : Reading practices and Textual production of EJA in state school Simeon Leal Elementary School - Itaporanga / PB : A case study , reflects from the observation and discussion of how they are developed reading activities and production of text in the classroom of 7th EJA series at the State Elementary School Simeon Leal , as well as the teacher / student relationship and how that happens . From this perspective learning education brings support as Paulo Freire and PCN , seeking through them, looking for better training for teachers in order to prepare them for that , effectively , and innovative manufacturing to meet the needs and difficulties of the student to help them overcome their difficulties , preparing them for the written world , and they can develop better perform their professional skills .

Keywords: EJA. Reading. Textual Production. Teaching and Learning.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. CAPÍTULO I – PRÁTICAS DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL NA EJA: UMA DISCUSSÃO TEÓRICA.....	11
2.1 Leitura – O que é Ler?.....	11
2.2 A Educação EJA e os Referenciais Curriculares.....	13
2.3 A EJA e o ensino de Língua Portuguesa.....	14
2.4 Práticas de Leitura e Produção Textual na sala de aula.....	15
2.5 O papel do professor mediador na EJA no processo de leitura e produção textual.....	16
3. CAPÍTULO II – AS PRÁTICAS DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL NA 7ª SÉRIE DA EJA NA ESCOLA SIMEÃO LEAL.....	17
3.1. ANÁLISE DE DADOS.....	20
3.1.1 Procedimentos Metodológicos.....	20
3.1.2 Características da Instituição.....	20
3.1.3 A modalidade de ensino EJA na instituição.....	21
3.2 Perfis dos discentes EJA da instituição com análise dos resultados obtidos....	22
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	26
6. PÊNDICE.....	29

1. INTRODUÇÃO

Sabe-se que a leitura é imprescindível para o indivíduo, já que a mesma tem grande contribuição na interação do sujeito com o mundo a sua volta, pois a leitura insere o cidadão no meio social, já que vivemos em um mundo letrado que exige um leitor reflexivo para ser ouvido quando se posiciona nos assuntos que são do seu interesse sociocultural.

O ensino da leitura e escrita em sala de aula ainda é um desafio para o professor, pois através dos segmentos criados pelos órgãos da educação pode se perceber a preocupação com as dificuldades que os alunos têm apresentado no decorrer da sua vida acadêmica.

É aí que entra a intervenção da escola, desempenhando o seu papel social que é preparar o aluno, formando o leitor reflexivo que a sociedade tanto exige e que não deixará o mesmo às margens das decisões que terão que tomar em relação aos fatos que ocorrerão ao longo da sua vida. Portanto, cabe à escola, que é representada por gestores e equipe pedagógica, acompanhar e subsidiar o trabalho do professor para que assim sendo, essa venha desenvolver uma prática de leitura e produção textual em sala de aula, que venha não apenas atrair o seu aluno, como também prepará-lo para o exercício da cidadania, comunicando-se, posicionando-se e tomando decisões que venham contribuir com a sua vida profissional e social.

Criando uma nova perspectiva para jovens e adultos, que por diversos motivos, tiveram sua jornada acadêmica interrompida e oportunizando-os reiniciarem seus estudos, criando novas possibilidades para que os mesmos no decorrer dessa jornada estudantil venham desenvolver habilidades para que eles possam participar de uma sociedade que valoriza o letramento.

Essa modalidade de ensino conta com vários programas federais, estaduais e municipais e com a intervenção da escola e do professor para juntos desenvolverem atividades de leitura e produção de textos que sejam diversificadas e prazerosas, motivando o aluno na busca de uma aprendizagem que o faça superar essas dificuldades e no futuro ele venha exercer seu papel de cidadão ao longo de suas vidas.

Faz-se relevante entender como se dá o processo de ensino de leitura na modalidade educacional EJA, objetivando que a escola como instituição que prepara cidadãos, venha estar preparada para intervir no processo do ensino de leitura e produção textual aproveitando o contexto social no qual os alunos estão inseridos para, partindo desse, a mesma possa prepará-lo para o exercício da cidadania, se posicionando de maneira segura nas decisões a serem tomadas.

Para Freire (1989, p. 24)

A alfabetização de adultos enquanto ato político e ato de conhecimento, comprometida com o processo de aprendizagem da escrita e da feitura da palavra, simultaneamente com a “leitura” e a “reescrita” da realidade, e a pós-alfabetização, enquanto continuidade aprofundada do mesmo ato de conhecimento iniciado na alfabetização, de um lado, são expressões da reconstrução nacional em marcha; de outro, práticas a impulsionadoras da reconstrução.

Portanto, levantamos algumas hipóteses para que essa prática aconteça e de acordo com essas possibilidades haja um avanço na aprendizagem do aluno. São elas:

- Uma prática de leitura e produção de textos, elaborados de acordo com a modalidade EJA, contribui para melhor aprendizagem dos alunos.
- Através de uma relação professor/aluno/texto, espera-se que os alunos venham tornar leitores reflexivos no meio social no qual estão inseridos.
- As atividades de leitura por serem prazerosas, terão uma motivação para os alunos, criando neles, o hábito de ler, fazendo-os autores dos seus próprios textos.

Para a realização desse estudo, foi realizada uma pesquisa de natureza quali-quantitativa, abrindo uma discussão entre teóricos que já pesquisaram e defenderam o tema, observando a prática do professor da EJA nas suas atividades de leitura e também foi aplicado um questionário com 25 alunos da 7ª série EJA, para a análise de dados e tendo os resultados analisados a luz da fundamentação teórica.

2. CAPÍTULO I – PRÁTICAS DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL NA EJA: UMA DISCUSSÃO TEÓRICA

2.1. Leitura – O que é Ler?

A leitura é concebida imprescindivelmente na vida do seu humano, pois desde cedo as pessoas já começam a praticar o ato de ler através da leitura de mundo, em que elas vão aperfeiçoando essa leitura como uma forma necessária de comunicação e interação com pessoas de vários grupos sociais nos quais estão inseridos.

Sabe-se que vivemos em um mundo letrado e se faz necessário que todas as pessoas procurem, a cada etapa da sua vida, se aperfeiçoar cada vez mais para não ficarem as margens de uma sociedade que cobra do indivíduo essa ascensão ao letramento que fará com que o mesmo venha se beneficiar através de um bom posicionamento na sua comunicação como também assegurar uma profissão que venha de encontro a uma vida acadêmica privilegiada.

Sabendo-se da importância da leitura e da escrita na vida do cidadão, pode-se retornar ao processo de origem e da evolução dos mesmos que, segundo alguns arqueólogos, teve essa origem nos arredores da Babilônia por volta do 4º milênio a. C., onde, segundo eles, surgiram os primeiros através da contagem de transporte de animais, nesse processo emergiu então a figura do leitor, já que o mesmo era conhecido como “O fazedor de mensagens, criador de signos, necessitando de um mago que pudesse decifrar esses signos e mensagens para assim identificá-los, dando-lhes voz. Ou seja, escrever exigia um leitor”. (Manguel, 2002, p. 206)

Ainda em relação à leitura, entende-se que o ato de ler se dá através da releitura, sendo que daí vem à compreensão do leitor sobre o que está lendo e a partir dessa compreensão o mesmo poderá interpretar aquilo que ele lê, partindo também da sua realidade sociocultural, ou seja, do convívio pessoal, pois o conhecimento que ele já traz desse convívio interfere de forma progressiva na sua interpretação.

Nesse sentido, é necessário que o professor, como mediador no ensino de leitura, venha conhecer a realidade do aluno e de como ele com o seu “olhar” concebe o texto, pois cada um tem sua própria especificidade, como também traz sua própria realidade para a interpretação de um texto, sem deixar de haver a interação entre leitor/ texto.

Segundo Boff (1997, p. 9),

Ler significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura. A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer: como alguém vive, com quem convive, que experiência tem, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças o anima. Isso faz da compreensão sempre uma interpretação. Sendo assim, fica evidente que cada leitor é coautor. Porque compreende e interpreta a partir do mundo que habita.

Entende-se então que a leitura nesse ponto de vista é concebida como um hábito cotidiano na vida do leitor, e aquilo que ele já traz na sua memória fotográfica vão contribuir na interpretação daquilo que ele está lendo. Portanto, essa compreensão ampla faz com que a leitura deixe de ser um ato mecânico e passe a ser lida, interpretada e compreendida pelo leitor a partir das suas experiências ou vivências que ele já traz do meio em que ele está inserido.

A leitura e a escrita não depende apenas de códigos linguísticos. É preciso que o leitor vá além da decodificação dos símbolos, que ele tenha uma relação de prazer com os textos, pois através dessa interação, ele conseguirá entender, identificar, relacionar os fatos que estão ligados ao mundo ao seu redor.

Através da leitura e escrita dos textos, o indivíduo se manterá no nível desejado por ele para se informar em relação aos fatos ocorridos e para interagir com pessoas letradas, portanto, essa leitura deverá ser concebida pelo leitor como algo prazeroso, que ele consiga driblar a decodificação, interpretando, se posicionando de forma plena através da fruição proporcionada por uma mente transformada pela compreensão daquilo que está lendo.

Sabe-se que todo texto, seja ele verbal ou não verbal, é a representação do mundo e é necessário que o aluno possa compreendê-lo a partir do contexto de cada situação vivenciada por ele.

Antunes (2003, p. 67) afirma que:

“A atividade da leitura completa a atividade da produção escrita. É, por isso, uma atividade de interação entre sujeitos e supõe muito mais que a simples decodificação dos sinais gráficos. O leitor, como um dos sujeitos da interação, atua participativamente, buscando recuperar, buscando interpretar e compreender o conteúdo e as intenções pretendidas pelo autor.”

O professor deverá entender que o aluno do perfil EJA, por fazer parte de uma modalidade de ensino diferenciada, deverá proporcionar ao aluno uma prática de leitura através de um processo que venha ao encontro do mesmo, criando nele não apenas o hábito de ler, mas levá-lo a interagir com os textos trabalhados de uma forma que ele possa entender e interpretar o que está lendo. Apenas através do interesse do aluno em relação aos textos, é que ele atuará ativamente e interpretará a intenção do autor, como também se posicionar em relação ao mesmo opinando, o que resultará em uma tríade que refletirá na formação de um aluno leitor/autor.

2.2. A Educação EJA e os Referenciais Curriculares

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) artigo 37 do cap. 5, defende que a Educação de Jovens e Adultos será destinada aqueles que não tiveram o acesso ou continuidade de estudos no Ensino Fundamental e Médio na idade própria, sendo que os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho mediante cursos e exames. O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si. (BRASIL, 1996, p. 23)

Neste sentido, a escola deverá visualizar as necessidades do aluno, levando em conta que o mesmo necessita através dessa modalidade de ensino desenvolver suas habilidades profissionais, como também está preparado para viver em um mundo letrado, em que ele terá uma melhor interação sociocultural.

A escola como sendo um espaço institucional de acesso ao conhecimento, a necessidade de atender a essa demanda implica uma revisão substantiva das práticas de ensino que tratam a língua como algo sem vida e os textos como um conjunto de regras a serem atendidas, bem como a constituição de práticas que possibilitem a partir da diversidade de textos que circulam socialmente. (BRASIL, 1997, p. 30).

Diante disso, os PCNS defendem a importância e o valor do uso da linguagem, sendo que a escola como instituição responsável na construção do aluno leitor, em que a mesma necessita rever sua prática de ensino de modo que vá de encontro a realidade do aluno e que o

professor como mediador entre aluno e as variedades de textos deverá inserir no seu planejamento, textos que circulam socialmente e que já fazem parte do seu cotidiano.

2.3. A EJA e o Ensino de Língua Portuguesa

O ensino destinado à Educação de Jovens e Adultos deve oferecer condições para o desenvolvimento das competências necessárias para a aprendizagem dos conteúdos escolares, bem como para a formação de pessoas cidadãs. Para tanto, é fundamental que o professor da EJA dê uma atenção especial ao ensino aprendizagem da linguagem, visto que é por meio desta que todos os outros conhecimentos são formalizados. Nesse contexto de ensino, tanto a linguagem não verbal quanto a verbal, oral ou escrita, tanto os dialetos não prestigiados socialmente, quanto os que são prestigiados devem ser contemplados, visando a um processo funcional de produção de leituras e de textos.

Sabe-se que os alunos da EJA, por não terem tido a oportunidade ao acesso a escola na idade própria, os mesmos sentem dificuldades na aprendizagem, principalmente em relação à leitura e a escrita. Em relação a isso, os mesmos têm os seus próprios modos de comunicação através de uma linguagem não formal. É aí que o professor passa a valorizar o conhecimento que os alunos já têm de mundo, não se limitando apenas ao ensino da língua formal, mas trabalhando textos que estão inseridos no cotidiano dos alunos, os quais eles já têm familiaridade e, portanto, se tornarão atrativos aos mesmos.

Segundo Bagno (2002, p. 32),

Seria bom estimular, nas aulas de língua, um conhecimento cada vez maior e melhor de todas as variedades sociolinguísticas, para que o espaço da sala de aula deixe de ser o local para o estudo exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de forma e uso.

O uso da língua muda de acordo com o contexto social de cada indivíduo, ou seja, as pessoas se comunicam usando as variedades linguísticas que são adequadas a seu grupo social. Portanto, cabe ao professor repensar a sua prática no ensino de leitura em sala de aula, procurando criar um espaço no qual o aluno possa ter a oportunidade de ver as diferentes variações linguísticas e principalmente se manifestar e ser respeitado pela sua forma de falar.

2.4 Práticas de Leitura e Produção Textual na sala de aula

Por vivermos num mundo letrado, se faz necessário que o ser humano conceba a leitura como sendo imprescindível na sua vida, já que tudo que está a nossa volta necessita ser interpretado e comprometido pelo ser humano.

Muitas vezes a leitura aplicada tem sido entendida como algo obrigatório e por isso, deixa de ser uma atividade prazerosa. Nesse sentido, o professor precisa entender a importância da interação entre autor/texto, pois só assim, o processo de leitura e produção textual deixará de ser apenas um gesto mecânico, para ser compreendida pelo aluno a partir da concepção do autor e dos significados do texto.

Segundo Gomes (2007, p. 108):

[...] Isso significa que o aprendizado da leitura e o exercício constante dessa atividade criam uma representação visual da palavra escrita, que vai sendo armazenada nesse dicionário. Quanto mais se pratica a leitura, menos necessidade terá o leitor do processo de análise e síntese da palavra, pois seu vocabulário visual vai aumentando cada vez mais.

Partindo desse pressuposto, sendo a leitura prazerosa para o aluno, o mesmo adquirirá o hábito pela leitura e quanto mais ele lê sua compreensão mental vai fazê-lo adquirir mais subsídios visuais.

Sabemos que existem vários obstáculos que impedem o processo de construção de um aluno leitor. Sendo que entre esses, estão o desinteresse do próprio aluno pelos textos, já que, por não fazerem parte do seu cotidiano, não despertam neles esse interesse. Outra dificuldade está na forma como o professor escolhe e trabalha os textos seguindo ainda nas suas escolhas, uma sistemática voltada mais para o tradicionalismo.

Nesse sentido, o professor deverá entender que:

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significados para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a essa leitura, ou rebelar-se contra ele, propondo outra não prevista. (Lajolo, 1986, p. 59)

Entende-se que a leitura não é apenas um ato interno do aluno, mas se exterioriza através das manifestações feitas pelo mesmo daquilo que entendeu, se posicionando de acordo com cada situação.

Nesse sentido, o professor deverá escolher textos que estejam de acordo com a realidade do aluno, mostrando também transparência naquilo que deseja alcançar, principalmente os alunos da modalidade de ensino EJA, pelo fato da distorção série/ idade, como também da carência que os mesmos têm em relação ao ensino e aprendizagem de leitura e a falta de disponibilidade em relação à acessibilidade a escola.

2.5 O papel do professor mediador na EJA no processo de leitura e produção textual

O professor tem um papel imprescindível na educação, já que é através desse, que o aluno terá a oportunidade de aprender dentro do contexto da escola, conhecimentos que farão do mesmo um cidadão reflexivo capaz de se posicionar de forma consciente diante das problemáticas enfrentadas por ele no decorrer de sua vida.

Segundo Freire (1979)

A ação docente é a base de uma boa formação escolar e contribui para a construção de uma sociedade pensante. Entretanto, para que isso seja possível, o docente precisa assumir seu verdadeiro compromisso e encarar o caminho do aprender a ensinar. Evidentemente, ensinar é uma responsabilidade que precisa ser trabalhada e desenvolvida. Um educador precisa sempre, a cada dia, renovar sua forma pedagógica para, da melhor maneira, atender a seus alunos, pois é por meio do comprometimento e da “paixão” pela profissão e pela educação que o educador pode, verdadeiramente, assumir o seu papel e se interessar em realmente aprender a ensinar.

Se a responsabilidade de ensinar para a construção de uma sociedade pensante é papel do professor, se faz necessário que o mesmo, não apenas tenha uma prática pedagógica inovadora, mas que ele possa ser mediador entre o aluno e a leitura e produção de textos, acrescentando a essa prática a afetividade, pois através dessa, ele passará a ver o aluno na sua totalidade, contemplando a sua realidade sociocultural inserindo-a no ensino da leitura e produção textual.

O professor deverá entender que, como mediador entre o texto e o aluno, desenvolverá leituras dinâmicas na sala de aula que venha atrair o aluno, pois o perfil do alunado de hoje, não aceita mais um tipo de leitura mecânica, mas a leitura compartilhada, em que ele poderá se

posicionar, opinando de acordo com aquilo que ele entendeu, já que o aluno em si tem uma maneira peculiar de entender e interpretar aquilo que lê, para isso, ele precisa estar motivado a ler, entrando no mundo da leitura com entusiasmo, imaginação que é essencial no aluno leitor.

A respeito disso, Silva (1987) considera que

Ao ler, o aluno poderia deixar de ouvir o mestre, que tudo pode e tudo sabe, para ouvir a si mesmo e aí acreditar que também sabe e que também pode... Imaginar e sonhar. [...] Abandonar a condição de aluno... Aprendiz... Ouvinte... Criança... Conceito... Comportamento... Para existir como pessoa e leitor. [...] Viver profundamente a ação de querer, experiência de prazer e de liberdade. (SILVA, 1987, p. 61-62)

De acordo com a afirmação da autora, o professor precisa incentivar o aluno na participação ativa da leitura, pois assim, ele será capaz de “ouvir a si mesmo”, ou seja, deixar que os seus sentimentos, sonhos e imaginação venham fluir, transcendendo ao tipo de leitura que é esperada ou desejada pelo professor, para ter a liberdade de se expressar como ele realmente entende.

Fazendo isso, o aluno estará se preparando para uma sociedade que só aceita o posicionamento do cidadão letrado, que tem consciência e convicção daquilo que está defendendo. Por isso, o professor não pode se limitar ao contexto escolar, que diz o que o aluno deve aprender e como deve aprender, mas sim, procurar formar cidadão consciente e não poderá existir essa formação sem que seja através da conquista do “eu” existente em cada aluno, com a intervenção do professor.

Os PCNS afirmam que “no processo de aprendizagem, aquilo que num dado momento um aluno consegue realizar apenas com ajuda, posteriormente poderá fazê-lo com autonomia” (BRASIL, 2001, p. 101).

É bem verdade que o professor, como mediador no ensino aprendizagem da leitura e produção de texto, possui um papel imprescindível para inserir o aluno no complexo mundo da leitura, que redundará na sua futura autonomia como cidadão que domina a leitura, a partir do seu próprio posicionamento em relação às tomadas de decisões.

3. CAPÍTULO II – AS PRÁTICAS DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL NA 7ª SÉRIE DA EJA NA ESCOLA SIMEÃO LEAL

O processo de alfabetização da EJA implica adotar uma proposta diferenciada na qual se sobressai à leitura e a interpretação textual, como forma de qualificar a educação, já que nesse processo se faz necessário levar em conta as dificuldades de letramento apresentadas nos alunos EJA, ou seja, a maioria desses alunos não sabe ler e escrever e vão à busca da escola, procurando superar essa deficiência.

Segundo Maria Conceição Pillon Christofoli (2009, p. 76):

A alfabetização é um processo que está a cargo da escola. A partir da expansão da escola pública, com a revolução francesa. Ao final do século XVIII, mais do que nunca, coube à escola a tarefa de ensinar a ler e escrever. Mas ao mesmo tempo em que lhe coube essa tarefa, estabeleceu uma dicotomia entre o aprender a ler e escrever e a função social da língua escrita. Parece óbvio que não deveria haver esse distanciamento entre aprender a ler na escola e ler fora do espaço escolar, mas inúmeros estudos apontam, ainda hoje, século XXI, para a visão mecanicista da aprendizagem da língua escrita: primeiros os sujeitos necessitam aprender a decifrar e copiar e, só depois aprendem a interpretar e a produzir linguagem escrita, não obstante investigações e teorias tenham demonstrado que, para aprender a ler e escrever são necessárias a capacidade cognitiva do sujeito.

Diante desse pensamento, a escola deverá proporcionar ao aluno um ensino de leitura que venha ao encontro a necessidade do mesmo, fazendo-o sentir o prazer de aprender a ler e interpretar a partir das suas experiências. Diante disso, cabe ao professor como mediador da leitura deixar a sua prática mecânica, adotando metodologias que venham despertar o prazer e o desejo no aluno e assim sendo, o mesmo chegará a um nível de alfabetização não apenas através de memorizar as palavras, mas de interpretar o que ler e construir de forma eficaz suas ideias.

Os textos narrativos tem o poder de envolver alunos de qualquer modalidade de ensino, ou na fase infantil e adulta, pois o aluno já está acostumado, sendo um hábito do convívio familiar e, portanto, ele se prende a esse tipo de leitura. Para tanto, o professor poderá tirar proveito dessa situação para se tornar um professor “contador de histórias”, já que é fato, que quanto mais o aluno adentra o mundo da leitura, mais ele aprende a “ler e escrever textos”. Em relação a esse tipo de prática desenvolvida pelo professor, Frantz (2005, p. 44) afirma que:

O professor narrador de Contos de Fadas, ao percorrer o caminho pedagógico de incentivo à leitura, deverá estar atento a alguns aspectos: respeitar o leitor-criança na sua maneira de ver e sentir as coisas; possibilitar que o pequeno ouvinte se encontre no texto; utilizar estratégias que favoreçam a vivência de emoções em novas experiências e, sobretudo; apresentar uma visão aberta de mundo. “(...) o que significa apostar na criança como ser inteligente, capaz de atribuir sentido às coisas.”

De acordo com Frantz, o professor deverá respeitar o leitor-criança, sempre levando em conta a sua subjetividade. O aluno da modalidade EJA, possui as mesmas características de um leitor-criança, pois ele ainda não domina a leitura e a escrita, como também tem uma maneira imatura de “ver as coisas”, quando interpretada através dos textos trabalhados pelo professor, mas em relação à sua vivência, ele traz uma gama enorme de conhecimentos que são adquiridos pelas experiências que ele tem do convívio familiar e social, o que serve como base para que o professor crie estratégias de leitura, contribuindo com a sua formação de “leitor maduro”, e assim, o mesmo venha adquirir novas experiências que o faça ver o mundo de forma diferenciada, mais significativa e reflexiva que fica bem mais interessante, se visto através dos gêneros literários, trabalhados não esporadicamente, mas de forma contínua.

Aguiar e Bordini (1993, p.36) discorrem que:

O modelo de aula de literatura atualmente em vigor nas escolas brasileiras poderia ser descrito como uma sequência de atividades mais ou menos estáticas, ditadas inclusive pelo livro didático, apresentação de um texto explicação do vocabulário, exercício de interpretação, exercícios gramaticais e composição.

Essa afirmação do autor traz uma reflexão ao professor que ainda usa o livro didático como única ferramenta na sua prática. O professor precisa entender que as mudanças são inevitáveis e vitais para que aconteça um ensino aprendizagem de qualidade, principalmente as atividades de leitura e produção em sala de aula, aproveitando os textos diversificados para fazer com que sua aula seja mais prazerosa. A inovação do professor com metodologias diferenciadas é o que irá compor e dar vida as aulas de leitura, portanto, a sala de aula que é o ponto de encontro entre professores, alunos e conhecimentos, deverá haver uma interação entre esses três elementos, com o propósito de elevar o aluno para que o mesmo tenha sucesso nesse empreendimento, sendo que, como afirma Smith (1999, p. 246-247)

O papel primário dos professores de leitura pode ser resumido em poucas palavras – é o de garantir que as crianças tenham demonstrações adequadas de leitura sendo usadas para finalidades evidentemente significativas, e ajudar os alunos a satisfazer por si mesmos, estas finalidades.

O professor em sala de aula deverá se posicionar de forma que seu aluno veja antes de tudo, que ele tem o compromisso e o papel primário de contribuir com o aprendizado de leitura e produção de texto, preparando os alunos de forma gradativa para que os mesmos venham, através das manifestações, mostrar a satisfação gerada pelo aprendizado que ficará evidente nessa postura do aluno.

3.1. ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo apresentaremos os dados da escola investigada, a Escola Estadual de Ensino Fundamental Simeão Leal, na cidade de Itaporanga – PB, dados esses que são relevantes para a nossa pesquisa. Logo em seguida, apresentaremos a análise dos dados coletados por meio de questionário aplicado conforme os critérios que são constatados na metodologia, que trata de uma pesquisa qualiquantitativa, em que estão abordados os resultados finais a luz de teóricos que já investigaram a temática.

3.1.1 Procedimentos Metodológicos

Através das discussões dos teóricos, constatamos que os alunos da modalidade EJA apresentam dificuldades tanto na leitura como na produção textual, já que os mesmos têm um perfil diferenciado, por serem alunos que possuem uma distorção na idade série. Com isso, suas habilidades em relação à aprendizagem de leitura acontecem de forma lenta, sendo necessário que o professor enquanto mediador entre o ensino aprendizagem de leitura e o aluno, desenvolva uma prática que seja inovadora e prazerosa para despertar o interesse do aluno e introduzi-lo no mundo letrado.

Esta pesquisa é abordagem qualiquantitativa realizada na 7ª série da EJA na Escola Estadual de Ensino Fundamental Simeão Leal, com a aplicação de questionários para a análise de dados, em que foi observado como o professor realiza as atividades de leitura e produção de texto, como também a reação dos alunos em relação ao trabalho realizado pelo professor. As questões analisadas estão todas enfocadas a luz dos teóricos que já defendem o tema estudado.

3.1.2 Características da Instituição

A escola pública na qual foi realizada a pesquisa para a análise de dados, foi a EEEF. Simeão Leal, localizada na cidade de Itaporanga, Paraíba. Sua fundamentação se deu no dia 1º de Abril de 1937, trazendo o nome de Grupo Escolar Dom Vital.

Durante doze anos a escola funcionou com esse nome, mas após esse período, justamente no dia 25 de janeiro de 1949, a escola passou a se chamar Simeão Leal, em homenagem ao ilustre paraibano, sobrinho do escritor José Américo, sob o decreto nº 143.

A escola possui uma área de 1.157.80 m^2 , tendo 1.149.60 m^2 de área coberta assim distribuída: 8 salas de aulas, seis de tamanho regular e duas pequenas, 2 salas para a

administração, 1 cozinha, 1 depósito para merenda escolar, 2 depósitos para material de consumo, 2 banheiros (masculino e feminino) com três e quatro divisões, sala de professores com banheiro conjunto e também área para recreação.

Esta entidade de ensino público atende atualmente 425 estudantes distribuídos nas seguintes modalidades de ensino: Ensino Fundamental do 5º ao 9º ano, nos turnos manhã e tarde, e a educação de Jovens e Adultos do IV ciclos de ensino a noite.

A escola está desenvolvendo nesse ano de 2014 alguns projetos tendo como tema “Ética e Cidadania”, Leitura e Escrita, Meio Ambiente, Os valores com o tema “Marcas são sempre marcas”, e o projeto O papel de escola na prevenção e no combate ao alcoolismo.

A escola atende as comunidades circunvizinhas, assim como algumas comunidades rurais.

3.1.3 A modalidade de ensino EJA na instituição

A escola que nos possibilitou a realização desse estudo foi a EEEF. Simeão Leal. Esta instituição, como já foi citada antes, oferece a modalidade de ensino regular e EJA.

Seu início se deu desde o Movimento no Brasil Alfabetizado (MOBRAL) ocorrido nos anos 70, vindo em seguida à integração de jovens e adultos, finalizando com a modalidade de ensino da EJA.

A EJA funciona nessa instituição a partir do ano 2005. Contudo, não temos uma data correta por não existir nenhum registro oficial na escola e todos os seus fundadores já faleceram, portanto, não existe uma data exata para a sua criação.

Sendo assim, estamos supondo, usando como base os depoimentos de duas ex-administradoras aposentadas e no depoimento da atual gestora Maria Izete Pires, que afirmou que esta modalidade de ensino foi implantada nessa instituição em 2005.

Desta forma, a demanda por educação aos jovens e adultos se deu pela necessidade dos alunos estudarem em horários que não fosse comprometer seu trabalho nem a prática diária das donas de casa.

A escola hoje está com 125 alunos matriculados na EJA, que funciona com professores compromissados com a formação de alunos cidadãos, conscientes e preparados para exercerem sua cidadania.

3.2. Perfis dos discentes EJA da instituição com análise dos resultados obtidos.

Para resultado do estudo da pesquisa, foi aplicado um questionário na 7ª série EJA, participaram 25 alunos da EEEF. Simeão Leal, que após a aplicação e a observação em sala de aula, apresentaremos os dados analisados através das respostas dos alunos comparadas aos teóricos que já defendem essa temática, no intuito de contribuir para a inovação da prática dos educadores em relação ao ensino EJA, como também para pesquisas futuras que sejam relevantes ao tema.

Estaremos analisando as seis questões, sempre trabalhando com a porcentagem maior em relação às respostas dos alunos investigados.

A questão 1 que traz a pergunta “Você acha importante a prática de leitura e produção textual na vida do ser humano?”, todos os alunos responderam afirmativamente, mostrando-nos que os alunos procuram a escola principalmente pela necessidade que eles têm em relação tanto à escrita como à leitura, já que eles constatam que ambas são essenciais para suas vidas.

Portanto, é aí que entra a intervenção da escola com o papel de preparar esses alunos para o mundo letrado, não apenas tratando a leitura como um simples objeto de ensino, mas também como afirma os PCN (2001, p. 54), “a escola precisa contribuir constituindo também objeto de aprendizagem, fazendo sentido para o aluno, todos os textos trabalhados como também trazendo aos mesmos um retorno imediato”, pois aluno do perfil EJA, pela necessidade, tem mais urgência em aprender a ler e escrever.

A questão 2, que é uma extensão da questão 1, traz a seguinte pergunta “Quanto à prática de leitura e produção textual, você tem dificuldades?”, apenas 10% dos alunos responderam que sim, os outros 90% responderam não, o que nos mostra que por estarem em uma série já avançada, os alunos já se adaptaram ao trabalho de análise textual, que de acordo com o que foi observado na aula prática através da interação entre o professor, aluno e o texto, pode ser constatado que o professor exerce uma prática que corresponde as dificuldades do aluno, por despertarem nos mesmos o prazer de ler e interpretar. Em cima desse respaldo, a orientação dos PCNS que é “a leitura e um processo no qual o leitor realizada um trabalho ativo de

compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, sobre tudo o que se sabe sobre a linguagem”. (BRASIL, 1998, p. 68)

Portanto, os alunos da 7ª série EJA, junto ao professor têm construído significados através da clareza nos objetivos por parte de ambos, criando assim, um elo que tem favorecido no ensino aprendizagem da leitura e produção textual, levando em conta aquilo que o aluno já conhece do seu cotidiano, como também as expectativas do autor em relação ao texto.

Na questão 3 em relação a como eles se identificam no processo de leitura, mais de 50% responderam que leem e interpretam bem o que estão lendo, e os demais responderam que leem, mas sentem dificuldades de interpretar o que estão lendo. Isso nos reporta para as dificuldades que os alunos possuem em interpretar aquilo que estão lendo, sendo importante que o professor entenda que o aluno tem a sua própria maneira de enxergar o mundo e, portanto, ele interpreta de acordo com o seu próprio conhecimento, dando significados novos ao mesmo e de relacioná-los com outros textos já lidos por eles.

Como afirma Lajolo (1986, p. 59)

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significados para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a essa leitura, ou rebelar-se contra ele, propondo outra não prevista.

Na realização da interpretação, o professor precisa trabalhar textos sempre respeitando o ato interno e externo, que é motivador para a interpretação do aluno, já que tem sido essa, as dificuldades apresentadas pelos alunos da 7ª série EJA.

A questão 4 que traz a pergunta “Você tem o hábito de ler em casa?” teve uma resposta quase que 50% para aqueles responderam sim e de igual maneira os demais responderam que não.

Sabemos que o hábito da leitura é uma forma do individuo interpretar o mundo, portanto, deve ser um processo ativo para o aluno, sendo papel do professor como mediador, construir através de metodologias motivadoras o “despertar”, para que de forma voluntária, os mesmos venham adquirir esse hábito, o que irá transformá-los em alunos leitores que interpreta tudo a sua volta com segurança, argumentando quando questionado, já que como Machado (2001, p. 136), “leitura não é dever de ninguém. É um direito, isso sim, de todo cidadão, e por ele temos de lutar, isso sim é um dever”. Ou seja, a leitura não deverá ser vista por alunos e professores

como algo obrigatório, que deve ser imposto, mas sim como uma conquista que deve acontecer para todos de forma prazerosa.

Na questão 5 em relação aos gêneros trabalhados pela professora serem ou não de fáceis compreensão para os alunos, obtivemos uma resposta 100% positiva ao afirmarem gostarem dos gêneros.

Sabemos que os gêneros diversificados já fazem parte do cotidiano da vida do aluno, como também sempre fazem parte do planejamento, já que por serem textos conhecidos dos alunos, por serem textos que circulam socialmente e, portanto, de fácil interação para o aluno.

Os PCNS (2001, p. 54) acerca disso falam que “um leitor competente só pode construir-se mediante uma prática constante de leitura de textos, de fato, a partir de um trabalho que deve se organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente. Esse trabalho pode envolver todos os alunos, inclusive aqueles que ainda não sabem ler convencionalmente”.

Portanto, tanto os gêneros como uma metodologia diversificada que atraia o aluno são elementos que favorecem para a formação do aluno leitor.

Para finalizar, a questão 6 fala da preferência dos alunos em relação aos gêneros, a maioria, cerca de 99% responderam que apreciam os poemas e os demais romances, mostrando que os alunos possuem uma abertura para que o professor introduza na EJA, a literatura através de contos, poemas e algumas obras de romancistas brasileiros, para que os alunos EJA possam adentrar no mundo literário, para que através desse, eles possam ter uma nova visão do mundo que os cercam.

Colomer (2007, p. 162) afirma que:

Ler e escrever são duas faces da mesma moeda na missão de facilitar o acesso à cultura escrita que se encomendou a escola. No caso da leitura literária, os alunos leem mais literatura do que escrevem, é claro. Mas se ler literatura serve para aprender a ler em geral, escrever literatura também serve para dominar a expressão do discurso escrito.

O professor deverá ser a referência do aluno, incentivando-o a adquirir o hábito pela literatura, que tanto o transformará em um aluno leitor, como apreciador de uma cultura que só é possibilitada ao leitor literário.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho nos trouxe uma reflexão sobre o processo que ocorre no ensino aprendizagem de leitura e produção de texto na modalidade EJA e como esse processo se dá para a construção dessa aprendizagem.

Conclui-se que para superar as dificuldades surgidas e alcançar as metas desejadas, se faz necessário que o professor, como mediador no processo de leitura e escrita aconteça com eficácia, adote uma prática voltada para a realidade do aluno, entendendo que o perfil do aluno EJA é diferenciado e, portanto, se faz necessário uma prática inovadora, ultrapassando o tradicionalismo e adquirindo uma nova visão que vá ao encontro daquilo que o aluno realmente necessita aprender.

Após a realização dessa pesquisa, que nos oportunizou através da observação discutir e refletir as atividades de leitura, partindo de dois fatores, o interno e o externo, que se interligam para que o processo se dê de maneira satisfatória para o aluno, já que entendemos que os alunos, apesar das dificuldades em ler e produzir textos, estão abertos para superar essas dificuldades, já que são alunos que, pela experiência que tem do convívio social, tem consciência da importância da leitura e escrita na vida, para a sua ascensão profissional, como também para a sua interação com o meio social e as situações com as quais ele se deparará na sua trajetória de vida.

Entendemos que nessa trajetória, o papel do professor é imprescindível, oferecendo aos alunos possibilidades através de uma metodologia diferenciada, o acesso ao mundo letrado, como um leitor que saiba se posicionar em relação às situações com as quais ele se deparará no seu cotidiano.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Irandé. *Aula de Português. Encontro e Interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAGNO, Marcos. *Língua materna; letramento, variação & ensino*. São Paulo: Parábola, 2002.
- BOFF, L., **A águia e a galinha**: uma metáfora da condição humana, Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- BORDINI, Maria da Glória & AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor**: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Ática, 1993.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2001.
- CHRISTOFOLI, Maria Conceição Pillon. **EJA: Planejamento, metodologias e avaliação**/ Jussara Margareth de Paula Loch, Katiuscha Lara Genro Bins, Maria Conceição Pillon christofoli, Maria Inês Côrte Vitória, Salete Campos de Moraes, Susana Huerga; prefácio de Carlos Rodrigues Brandão. - - Porto Alegre: Mediação, 2009.
- COLOMER, Teresa. *Andar entre livros; A leitura literária na escola*/ Teresa Colomer, [Tradução Laura Sandroni]. -São Paulo: Global, 2007.
- FRANTZ, Maria Helena Zancan. *O Ensino da Literatura nas Séries Iniciais*, 4ª edição ampliada, Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam / Paulo Freire. - São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. 23ª edição, (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4)
- GOMES, Maria Lúcia de Castro, *Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa*, Curitiba: Ibpx, 2007.
- LAJOLO, M. *O texto não é pretexto*. In: ZILBERMAN, R. (org) *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. 6.ed. Porto Alegre. Mercado Alegre, 1986.
- MACHADO, A. M. **Texturas**: sobre leitura e escritos. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2001.

MANGUEL, A., *Uma história da Leitura*, São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SILVA, E. T. O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 4. Ed. São Paulo: Cortez: 1987.

SMITH, Frank. *Leitura significativa*. Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre: Artmed, 1999.

APÊNDICE

6. APÊNDICE

GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO *LATO SENSU*
**FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
INTERDISCIPLINARES**

Questionário

1. Você acha importante a prática de leitura e produção textual na vida do ser humano?
2. Quanto à prática de leitura e produção textual, você tem dificuldades?
 Sim Não
3. Marque as alternativas em que você se identifica no processo de leitura:
 - (a) Ler e interpreta bem o que está lendo.
 - (b) Ler, mas tem dificuldade de interpretar o que está lendo.
 - (c) Não gosta de ler, portanto, não ler.
 - (d) Ler apenas na sala de aula, nas aulas de Língua Portuguesa.
4. Você tem o hábito de ler em casa?
 Sim Não
5. Os gêneros textuais apresentados pela professora na sala de aula são fáceis de compreender?
 Sim Não
6. Dos gêneros textuais abaixo, quais você gosta de ler?
 - (a) Fábulas
 - (b) Poemas
 - (c) Anúncios
 - (d) Romances
 - (e) Outros. Quais? _____